



independências latino-americanas

Apresentação

Bicentenários das independências latino-americanas: disputas narrativas e construção da memória

Este dossiê volta-se ao momento presente, em que se comemora, com uma diferença de poucos anos entre a efeméride de cada país, o bicentenário dos processos de independência e de emergência dos Estados Nacionais na América Latina. Do grito do Ipiranga, no Brasil, ao grito de Dolores, no México, as independências latino-americanas foram marcadas por episódios emblemáticos, cristalizados na memória nacional como um momento “fundacional” e fixados como datas cívicas no calendário de cada país¹. Entretanto, mais do que acontecimentos decisivos *em si* para o desfecho da luta emancipacionista nas distintas porções da América colonial, esses eventos e seus protagonistas foram constituídos enquanto tais após um longo processo de seleção e elaboração, atravessado por intensos debates.

Uma vez conquistada a emancipação política, as perguntas a serem respondidas foram compartilhadas entre as novas nações latino-americanas: como narrar e representar a gesta independentista? Que episódios destacar? Quem eram os heróis a celebrar? Não se tratava, é claro, de uma simples escolha de nomes e datas. Os próceres da independência foram evocados para legitimar posições divergentes a respeito dos contornos da nova ordem política pós-emancipação: a adoção do regime monárquico ou republicano, da centralização ou do federalismo, as tensões entre a capital e as províncias, as

1 Os eventos relacionados às guerras de independência, no entanto, dividiram desde cedo a condição de monumento “fundacional” das novas nações americanas com episódios e personagens mais antigos, ligados aos tempos da conquista europeia ou mesmo ao mundo pré-hispânico, como parte do esforço em se afirmar as origens “imemoriais” da nova nacionalidade, dotando-a de “atemporalidade” (Mónica Quijada, “¿Qué nación? Dinámicas y dicotomías de la nación en el imaginario Hispanoamericano del siglo XIX”, in François Xavier-Guerra; Mónica Quijada [eds.]. *Imaginar la nación*, Münster, Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos, 1994).

idades e o campo, a definição dos princípios da representatividade política, e outros tantos embates que marcaram os primeiros anos da América independente². Como propôs José Murilo de Carvalho com relação ao Brasil, a disputa pelo posto de herói da Independência brasileira entre as figuras de D. Pedro I e de Tiradentes foi o emblema da luta política entre republicanos e monarquistas desde a segunda metade do século XIX³.

É esse universo que os artigos reunidos no dossiê “Independências Latino-Americanas” buscam explorar. A partir de distintos suportes – monumentos escultóricos, pinturas, peças teatrais, catecismos patrióticos e panfletos, sermões religiosos e calendários comemorativos –, os textos aqui presentes se propõem a refletir sobre as narrativas, discursos e representações visuais construídos a respeito dos processos de emancipação política na região. Algumas das narrativas em tela foram se consagrando ao longo do tempo, até se cristalizarem na memória coletiva – convivendo ou se impondo sobre memórias concorrentes. Por outro lado, estratégias variadas foram formuladas e divulgadas no calor dos acontecimentos revolucionários,

como os panfletos e catecismos lançados no Chile, que ambicionavam mobilizar a população para a causa “patriótica”, ainda não consolidada.

Muitas das narrativas e das representações visuais produzidas *no* ou *sobre* o período das independências valorizaram o papel desempenhado por personagens do mundo ameríndio e dirigiram-se a esse público⁴. Os revolucionários do mundo hispano-americano, entretanto, não perderam de vista o fantasma da mobilização popular associada à Revolução Francesa, à revolução de escravizados no Haiti ou à Revolta de Túpac Amaru, no vice-reino do Peru. Por isso, utilizaram com “muita moderação a linguagem da liberdade”⁵. Pierre Vilar aponta um “medo das massas” comum a espanhóis e *criollos* – como eram chamados os descendentes de espanhóis nascidos na América⁶. Desse modo, a preocupação moderou o discurso da elite *criolla*, que buscou conter a guerra contra a metrópole, nos limites de suas próprias reivindicações. Perseguiu a construção de uma identidade coletiva que localizasse a violência e a opressão colonial não nos

2 Como demonstrou José Luis Romero, os movimentos de independência hispano-americanos já renunciaram muitos dos dissensos que se agudizariam no processo de construção dos novos Estados-nacionais, a exemplo das tendências regionalistas em oposição à pretensão hegemônica das antigas capitais vice-reais (José Luis Romero, “Prólogo”, in José Luis Romero; Luis Alberto Romero [orgs.], *Pensamiento político de la emancipación*, 2ª ed., Caracas, Biblioteca de Ayacucho, 1985, pp. IX-XLIII).

3 José Murilo de Carvalho, *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2017, cap. 3: “Tiradentes: um herói para a República”.

4 Exemplo por excelência desse esforço é o panfleto escrito pelo tucumano Bernardo Monteagudo, que dá voz ao inca Atahualpa, executado pelos conquistadores espanhóis, contrapondo-o ao rei Fernando VII (ver Maria Ligia Coelho Prado, “Esperança radical e desencanto conservador na independência da América Espanhola”, *História*, v. 22, n. 2, São Paulo, 2003, pp. 15-34).

5 François Xavier-Guerra, *Modernidad e independencia. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas*, 3ª ed., México, FCE/Mapfre, 2010, p. 36.

6 Pierre Vilar, “La participación de las clases populares en los movimientos de Independencia de América Latina”, in Heraclio Bonilla et. al., *La independencia en el Perú*, 1ª ed., Lima, IEP, 1972, p. 173.

conflitos e clivagens sociais internos, mas na “estrangeira” e “inimiga” Espanha⁷.

Também a população afro-americana foi contemplada nessas narrativas, tendo mesmo um lugar – ainda que muitas vezes precário e temporário – nos novos panteões de heróis pátrios. Entre outros, Bartolomé Mitre (1821-1906), um dos fundadores da história nacional argentina, presidente do país na década de 1860, cobriu de glória o soldado negro rio-platense Antonio Ruiz, conhecido como “Falucho”. Em 1857, Mitre publicou a primeira crônica da morte heroica de Falucho, membro do Ejército de los Andes, que teria sido fuzilado em meio a um motim na fortaleza real Felipe del Callao, no Peru, dando vivas a Buenos Aires. Após a publicação de Mitre, Falucho foi alvo de muitas homenagens, com destaque para uma estátua de bronze em Buenos Aires, inaugurada em 1897, que o representa agarrado à bandeira⁸. Importante sublinhar que essas representações se dilatam até a nossa época. Mais recentemente, na Venezuela, é a figura de Pedro Camejo, conhecido como “Negro Primero”, soldado das fileiras rebeldes morto na Batalha de Carabobo, em 1821, quem tem recebido

atenção especial do governo bolivariano. O ponto culminante desse movimento foi o traslado, em 2015, de um baú contendo simbolicamente seus restos mortais para o Panteão Nacional venezuelano⁹.

Apesar do predomínio masculino, não apenas os “grandes homens” apareceram nas narrativas sobre as gestas independentistas. Também as mulheres, como aborda um dos artigos deste dossiê – com destaque para a figura da neogranadina Policarpa Salavarrieta, conhecida como “La Pola”. Um exemplo de como a memória das lutas

7 Bolívar, em um de seus escritos, sintetizou esse discurso conciliador, ao rechaçar que a diversidade de “castas” fosse um impedimento para viabilidade das independências: “Estamos autorizados, desse modo, a crer que todos os filhos da América espanhola, quaisquer que sejam sua cor e condição, estão ligados por um afeto fraternal e recíproco, que nenhuma maquinação poderá alterar [...]. Ainda não se ouviu um grito de proscricção contra alguma cor, estado ou condição, exceto contra os espanhóis europeus, credores do ódio universal. Até o presente, admira-se a mais perfeita harmonia entre os que nasceram neste solo [...]” (Carta ao editor da *Gazeta Real da Jamaica*, Kingston, setembro de 1815, in Simón Bolívar, *Escritos políticos*, trad. Jacques Brand e Josely Baptista, Campinas, Ed. Unicamp, 1992, p. 78 – grifos nossos).

8 Sua figura, contudo, como demonstram Ghidoli e Geler, concebida para encarnar o soldado de origem “popular”, perdeu vigência no imaginário nacional argentino ao longo do século XX, diante dos esforços das elites dirigentes por afirmar uma imagem europeizante para o país, apagando a presença afro-argentina (Lea Geler; María de Lourdes Ghidoli, “Falucho, paradojas de un héroe negro en una nación blanca. Raza, clase y género en Argentina (1875-1930)”, *Avances del Cesor*, v. 16, n. 20, Rosario, junho de 2019). Por sua vez, Alejandro Solomianski enxerga na própria figura de “Falucho” um esforço de redução do papel dos negros, ao sublinhar que o herói fora uma construção mítica realizada por Mitre – conveniente para exaltar Buenos Aires, então em guerra contra o restante do país reunido na Confederação Argentina –, mantendo-se no esquecimento personagens históricos afro-argentinos que tiveram um papel decisivo nas campanhas de independência e na história militar argentina, assumindo inclusive postos elevados na hierarquia militar (Alejandro Solomianski, “El negro Falucho’ y la subalternización sistemática de lo afro-argentino”, in María José Becerra et al. [comps.], *Las poblaciones afrodescendientes de América Latina y el Caribe: pasado, presente y perspectivas desde el siglo XXI*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, 2012, pp. 229-47).

9 Ver: Agencia Venezolana de Noticias – Gobierno, “Reposan en el Panteón Nacional Restos Simbólicos del Prócer Pedro Camejo”, Caracas, 24 de junho de 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/gmbcHHs>. Acesso em: 6/7/2021. Podemos citar também a publicação de obras sobre esse personagem nos últimos anos com apoio estatal. Em especial, uma biografia do herói lançada em 2015 e que conta com apresentação assinada pelo próprio Nicolás Maduro: Félix Ojeda et al., *Pedro Camejo: el hombre que simbolizó a un pueblo*, Caracas, Fundación Centro Nacional de Historia, 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/nmbb37j>. Acesso em: 6/7/2021.

de independência continua sendo manejada nos nossos dias, a partir de novas agendas políticas, é a recente exaltação na Argentina de Juana Azurduy, “figura paradigmática de mulher-soldado”, que participou de dezenas de batalhas pela independência na região do Alto Peru, hoje Bolívia¹⁰. Em 2007, foi aprovado pelo Congresso argentino a lei que instituiu o “Día de las Heroínas y Mártires de la Independencia de América”, elegendo-se para tanto o dia de nascimento da heroína. Momento auge foi a inauguração, em 2015, durante o governo de Cristina Kirchner, de um grande monumento em homenagem a Azurduy, doado pelo governo boliviano, e que tomou o lugar antes ocupado pela estátua de Cristóvão Colombo nos fundos da Casa Rosada¹¹.

Desse modo, ao longo dos cerca de 200 anos de vida independente nas Américas – muitas das nações latino-americanas já comemoraram o seu bicentenário, enquanto no Peru a efeméride aconteceu em julho deste ano e, no Brasil, será em setembro de 2022 –, diferentes olhares foram projetados sobre o processo de ruptura dos laços coloniais, elegendo-se heróis afinados com as bandeiras do momento.

No ano que antecede o Bicentenário da Independência do Brasil, trazemos ao leitor sete artigos dedicados a explorar, a partir de diferentes enfoques regionais e temáticos,

os processos de emancipação política que tiveram lugar em nosso continente desde princípios do século XIX. A maior parte dos textos aqui reunidos se debruça sobre os territórios da América Espanhola, nos quais os movimentos de ruptura da ordem colonial ganharam corpo na esteira da invasão francesa da Península Ibérica, em 1808. Expandindo nossos horizontes cronológicos e geográficos, porém, publicamos um artigo para iluminar, como contraponto pouco estudado no Brasil, os casos da Guiana e do Suriname, países que alcançaram sua emancipação muito recentemente e que não pertencem à América de colonização ibérica. O Brasil, por sua vez, está presente em um dos artigos aqui reunidos, dividindo espaço com a Argentina.

O dossiê se abre com o artigo de Laura Suárez de la Torre, “Irradiar a independência do México para a população”. Escrito originalmente em espanhol, traduzido por Gabriela Pellegrino e Rafael Scarelli, o texto analisa os embates na construção da narrativa sobre a independência mexicana contrapondo, em especial, as figuras de Miguel Hidalgo e Agustín de Iturbide.

Segue-se “*Y al morir al hombre enseña*”, artigo de Bruno Verneck sobre as representações sociais e políticas construídas por três peças teatrais sul-americanas dos anos 1817 a 1821. Elisabet Prudent e Natalia López Rico são autoras do artigo “Demarcações da cidadania nos gêneros menores”, escrito em espanhol e traduzido por Rafael Scarelli. As autoras examinam a emergência da cidadania como categoria política moderna em impressos – panfletos e catecismos –, publicados no Chile no contexto revolucionário e nos primórdios da República.

10 Maria Ligia Coelho Prado, “A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina”, in *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*, 2ª ed., São Paulo, Edusp, 2014, pp. 37-8.

11 Pablo Ortemberg, “Monumentos, memorialización y espacio público: reflexiones a propósito de la escultura de Juana Azurduy”, *Tarea*, n. 3, Universidad Nacional de San Martín, 2016, pp. 96-125.

Passa-se ao artigo “O Peru entre dois generais”, de Rafael Dias Scarelli, que analisa o lugar reservado aos generais Simón Bolívar e José de San Martín na narrativa histórica sobre a independência forjada, no Peru, entre o século XIX e o período de celebração do Centenário da Independência, em 1921.

Em “Esculpir a memória”, Michelli Scapol Monteiro compara dois projetos de monumentos cívicos nacionais propostos, no contexto do primeiro centenário brasileiro e argentino, em São Paulo e Buenos Aires. A autora reflete sobre como segmentos das elites dirigentes dos dois países procuraram, com os monumentos, dar materialidade a uma memória das independências.

Um dos protagonistas das guerras de independência na América Espanhola, o general Simón Bolívar, é tema do artigo “Apropria-te de mim e refaz a independência sempre que preciso”, de Fabiana

de Souza Fredrigo e Gabriela Pellegrino Soares, que lança luz sobre a construção de uma memória polissêmica em torno do herói. O dossiê se encerra com o ensaio de Iuri Cavlak, “As últimas independências na América do Sul”, dedicado à emancipação da Guiana e do Suriname, já na segunda metade do século XX.

Neste momento de comemorações e balanços em torno dos bicentenários, esperamos que os textos reunidos contribuam para enriquecer os debates sobre o nascimento das nações latino-americanas e sobre as permanentes releituras do passado. Que possam recompor camadas de uma história que, vista do Brasil, nos é “tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante”¹².

Gabriela Pellegrino Soares

Rafael Dias Scarelli

12 Maria Ligia Coelho Prado, “O Brasil e a distante América do Sul”, *Revista de História*, n. 145, São Paulo, dez./2001, p. 147.